

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA
|
|
|

FOLCLORE

Constitui folclore a maneira de sentir e agir de um povo, conservada pela tradição e transmitida oralmente.

O dia 17 de agosto é consagrado ao folclore. Neste ano estamos comemorando o cinquentenário da morte de Monteiro Lobato, escritor que sempre buscou no nosso folclore inspiração para suas histórias infantis. Todos os anos, as escolas valorizam o Dia do Folclore. O escritor paulista Bariani Ortencio nos fala sobre o assunto.

Fonte de sabedoria popular

□ **BARIANI ORTENCIO**

Folclore é termo inglês - *folk-lore* - criado e publicado em 1846 por William John Thoms, no dia 22 de agosto. É por isso que o dia 22 de agosto é o Dia do Folclore.

A palavra folclore, ao pé da letra, significa povo (*folk*) e saber (*lore*), ou seja, saber do povo. O significado antigo, e que já não se usa, era antigüidades populares.

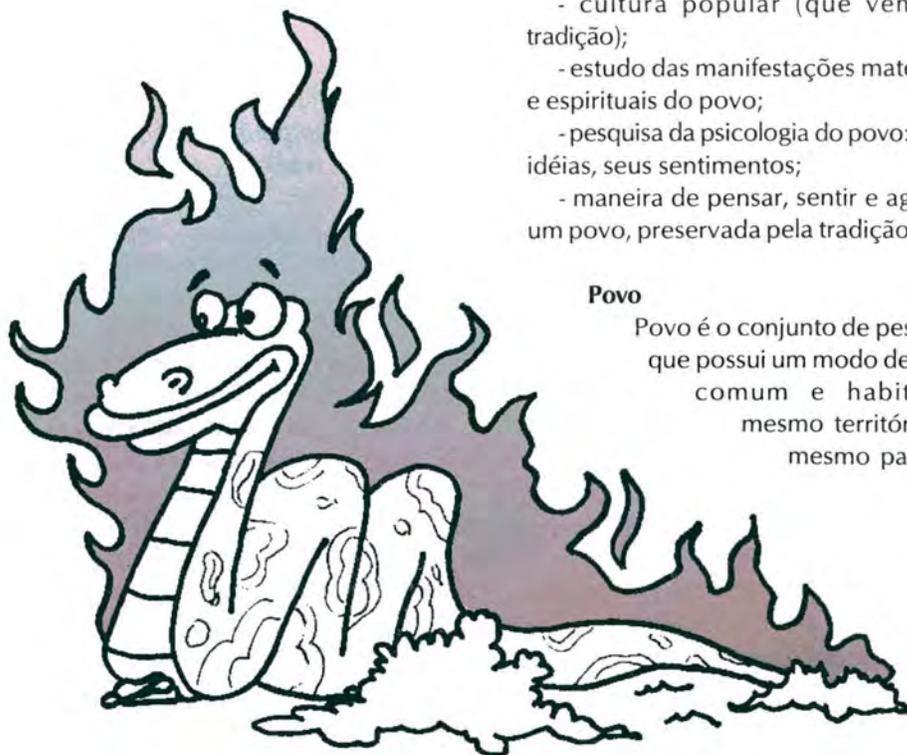
Folk-lore com o tempo perdeu o hífen e ficou *folklore* que, aportuguesado, passou a ser folclore, a partir da reforma ortográfica brasileira, em 1943, quando a letra **k** foi substituída pela letra **c**.

Folclore tem muitas definições:

- ciência popular;
- saber popular ou saber do povo;
- conhecimento do povo;
- estudo popular;
- cultura popular (que vem da tradição);
- estudo das manifestações materiais e espirituais do povo;
- pesquisa da psicologia do povo: suas idéias, seus sentimentos;
- maneira de pensar, sentir e agir de um povo, preservada pela tradição.

Povo

Povo é o conjunto de pessoas que possui um modo de vida comum e habita o mesmo território, o mesmo país. O



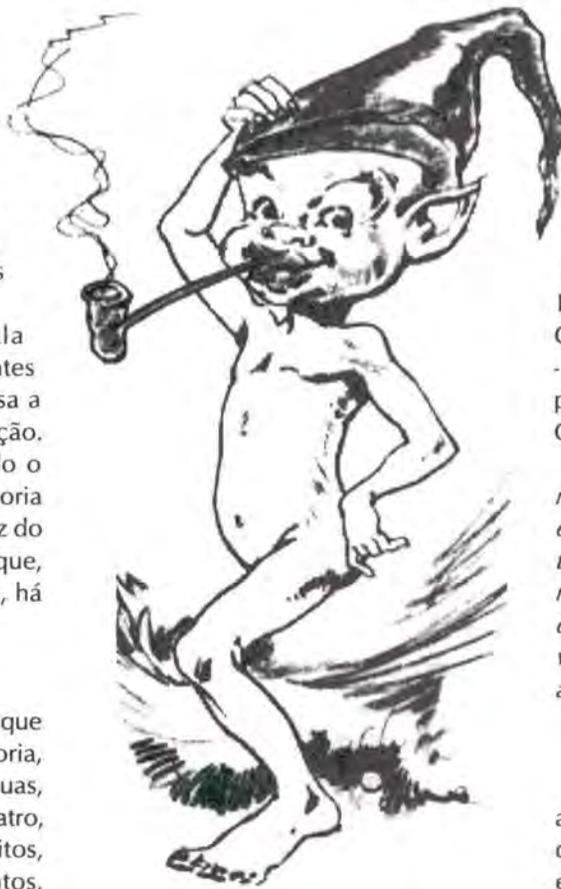
povo, muitas vezes, é confundido com as camadas menos favorecidas, tanto na área econômica, quanto na social e cultural. O povo é, usando a expressão popular, o povão, a massa de gente, de que tanto ouvimos da boca dos políticos e dos cantores populares.

Não se diz que "o povo fala errado"? Grande parte dos habitantes de países subdesenvolvidos não usa a linguagem culta por falta de instrução. No entanto, o povo é sábio e tudo o que diz e faz contém grande sabedoria - sabedoria do povo - folclore. "A voz do povo é a voz de Deus", quer dizer que, quando o povo fala, aí há verdade, há sabedoria.

Sabedoria do povo

Por mais simples que seja, tudo o que o povo pensa, sente e faz é sabedoria, resultando em: parlendas, trava-línguas, romance, juras, xingatórios, artes, teatro, gestos, danças, encantamentos, ritos, magias, desafios, tabu, instrumentos, pregões, correntes, jogos, brinquedos, técnicas populares, ferramentas, rendas, tecelagem, trançados, cestarias, bordados, móveis e utensílios, festas religiosas e tradicionais, orações, cantigas e literatura de cordel (folclore dos estados nordestinos).

Todos os povos têm seu folclore. No meio do povo há sempre alguém que cura sem ser médico, usando mezinhas e garrafadas; tem quem calcula sem ser matemático ou engenheiro e quem conhece o sol, as estrelas e a lua, sem ser astrólogo. O homem simples é inteligente, intuitivo, observador e, mesmo sem estudos, conhece as fases da lua e assim as usa: extraíndo madeira na minguante, terá maior duração, porque não caruncha; nessa mesma fase ele esgota as jazidas de argila para que o material cerâmico não rache ao secar e ao ser queimado; na lua cheia ele pesca, pois, na nova e na minguante, os peixes estão com os dentes doloridos e não comem a isca do anzol; na crescente ele planta. O homem se orienta, à noite, pelas estrelas, pela posição da lua e pelo Cruzeiro do Sul. Isso mostra que os astros estão atuando na vida e no comportamento do homem simples. A ciência captou esses conhecimentos rústicos e fez estudos baseados neles.



O folclore não fica só com o povo inculto, chega à sociedade, às camadas eruditas, influi e incentiva as letras e as artes. Muita gente culta e erudita evita o número treze, levantar-se da cama com o pé esquerdo, passar debaixo de escada e... todas as outras superstições que você encontrar neste trabalho.

Falso conceito de folclore

Há muita gente, porém, que ignora ou não leva a sério o folclore. O filho de um prefeito do interior quis entrar no clube, num baile de carnaval, sem ser sócio e sem pagar, alegando que tinha direito, porque filho de prefeito era filho de prefeito, carnaval era carnaval e o mais tudo era folclore (bobagens).

O próprio João Saldanha, grande comentarista de futebol, fazendo propaganda na televisão, dizia o nome do melhor óleo lubrificante e que o resto era folclore.

Além disso, os jornais criaram o absurdo, chamando de folclore político o que não é folclore coisa nenhuma; são piadas, gafes, mancadadas, colocações impensadas e desastrosas dos políticos, cujo nome deveria ser anedotário político. Folclore é coisa séria, é ciência.

Esses ditos poderão virar folclore daqui a muitos anos, se ficarem na boca do povo e desaparecerem os nomes dos seus autores.

As palavras que seguem são do emérito professor Ático Vilas Boas da Motta, da Comissão Nacional de Folclore da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas - UNESCO -, num trecho de artigo publicado no "Diário da Manhã", de Goiânia, em 21-11-82:

Não vejo por que se confundir a matéria folclórica com o bizarro, o exótico, o anedótico. Atrás deste mato tem coelho reza o antigo refrão. A cada momento leio nos jornais expressões desta natureza: folclore político, fulano virou folclore, sicrano é folclórico, e assim por diante.

Características

Só é folclore o que for anônimo. Se alguém inventou o fato, já é autor, já é dono, mas, com o passar do tempo, se esse autor for ficando esquecido, o fato pode passar a ser folclórico, anônimo, isto é, ser do domínio público.

O que caracteriza o folclore é o anônimo, o coletivo, o popular e o tradicional. Vamos explicar: tudo o que vem lá de trás, de muitos anos, da tradição, passando de uns para os outros (tradicional); o que for criado pelo povo (popular); o que não tem dono, de domínio público (anônimo) e aceito por todos ou por muitos (coletivo). Acrescentemos o funcional, por ser útil ao povo.

Como vimos, folclore é a ciência do povo. É o conhecimento popular demonstrado pelo conjunto de lendas, tradições, poesias, canções, melodias, crenças e superstições, adivinhações, provérbios, narrativas, usos e costumes, contos diversos (também contos de fadas), estórias, fábulas, apólogos (fala de animais), mitos, medicina, cozinha e artesanato, mas tudo recolhido da tradição oral, de boca em boca, sem antes estar registrado em livros ou em quaisquer outros escritos. O fato para ser folclórico tem de ter cheiro de museu, de coisa antiga.

O fato folclórico

Analisaremos as cinco características ou elementos necessários para que

tenhamos o fato folclórico:

1. Ser anônimo - Como vimos, o fato precisa ser anônimo, isto é, não ter autor conhecido. Claro que tudo tem o seu autor, mas, no caso do fato folclórico, a autoria perdeu-se no tempo. Há muitas estórias que nos vieram de outros países, mas que aqui no Brasil se modificaram e continuaram sem autor, como a de dona Baratinha, aquela que achou um vintém, pensou que estava rica, muito rica, e saiu procurando quem queria se casar com ela.

Encontramos essas estórias até musicadas e podemos ouvi-las em discos. A estória de dona Baratinha veio da Índia, onde existe há dois mil anos. Aqui, modificou-se, abrigou-se, pois quem se casou com ela foi o brasileiríssimo João Rato que, no dia do casamento, morreu dentro de um caldeirão de feijoada. Quem pôs o nome no rato de João Rato? Ninguém sabe, como também não se sabe quem falou pela primeira vez: "Quem tem boca vai a Roma". E, ainda, a estória da Gata Borralheira, do Pedro Malazartes, da Sapa Casada, do Chapeuzinho Vermelho, todas de origem européia. No entanto, a maioria das estórias de bichos são de origem indígena brasileira.

Talvez você esteja estranhando a gente falar de estória e não de história. É porque história é a oficial, a verdadeira, como a História do Brasil, a História da Civilização, e estória é coisa inventada, como as lendas, os contos. Enfim, o que deve ficar bem claro é que o fato folclórico tem de ser anônimo, não ter dono.

2. Ser coletivo - O fato tem de ter aceitação coletiva, isto é, ser aceito pelo povo. O povo conhece o fato folclórico, como a estória ou a modinha, por exemplo, aprende, aumenta inventando, elimina o que não gosta e a estória ou a modinha segue em frente, tendo o povo como autor. Há um ditado que diz: "Quem conta um conto aumenta um ponto". Conforme a região, o povo canta e dança de um jeito; se não está de acordo com os seus costumes, isto é, o seu modo de agir, esse povo modifica o fato folclórico. Em resumo, como já dissemos, o fato folclórico

tem de ser aceito pelo povo.

3. Ser oral (popular) - O fato folclórico tem de ter transmissão oral, que é a que se faz de boca em boca, uns contando para os outros. É o que se transmite pela fala, mesmo hoje em dia, quando já se diminuiu bem o analfabetismo e a imprensa é moderna e penetrante. Antigamente não havia livros impressos, jornais, e tudo era transmitido oralmente. O artesanato, além de ser aprendido oralmente, na prática, por exemplo, pode ser também imitado.

4. Ser tradicional - O fato tem de ter tradicionalidade, pois, mesmo sem professores para ensinar, se repete pela tradição: o que o pai faz também o filho pode fazer aperfeiçoando, já que a cultura é viva e dinâmica.

5. Ser funcional - O fato tem de ter funcionalidade, pois tudo tem sua função e utilidade, seja para a sobrevivência, seja para o lazer. O povo não gosta de cantar? Canta até rezando, canta para fazer o nenê dormir, canta para se alegrar no trabalho, para festejar e até para enterrar os mortos. O povo não é como os eruditos (pessoas que adquirem conhecimentos pela leitura), que fazem as suas festas quando querem, mas tem as suas datas certas, conforme sua

tradição. No Natal temos as pastorinhas, os bailes pastoris, as folias-de-reis. As congadas e os moçambiques louvam a Senhora do Rosário e São Benedito (o santo negro) nos seus dias. E assim por diante...

Formação do folclore brasileiro

O folclore brasileiro foi formado pelos portugueses, pelos africanos e pelos índios brasileiros. Houve mistura desses povos e surgiram daí muitos outros fatos folclóricos. A cantiga de ninar, por exemplo, foi cantada pela mãe preta (africana), com música portuguesa e palavras indígenas:

*João curututu
Detrás do murundu
Vem pegar nenê
Que tá com calundu.*

As estórias contadas, primeiro pelos portugueses e depois pelos escravos africanos, tiveram de ser modificadas para o entendimento, adaptadas aos usos e aos costumes do povo da nova terra. Assim também se deu com as danças, as cantigas, a mímica e o artesanato, variando este de acordo com a matéria-prima encontrada na região.

O artesanato é a ciência popular mais útil, imprescindível ao homem. Partindo da colher de pau e da gamela, indo às máquinas rústicas de madeira como o tear, o engenho de cana e o carro de bois, chegou enfim à cerâmica, à cestaria, à tecelagem, à vestimenta, à alimentação e às bebidas.

Os usos e costumes, as crenças e superstições, trazidos de além-mar pelos portugueses conquistadores, foram modificados pelos nativos, habituados apenas com as manifestações da natureza. Hoje eles se encontram arraigados no povo brasileiro, que os passa para seus descendentes.

Os jesuítas cantavam as ladainhas, e os indígenas interpretavam-nas sem muito entender, ocasionando alterações e até aberrações, que são usadas até hoje pelos rezadores.

As cantigas de roda, as folias, as estórias, as brincadeiras, as cantorias, a



prosa rimada e todas as demais manifestações folclóricas não são as mesmas em todos os estados brasileiros. O folclore não é estático, não pára, está sempre em movimento, modifica-se, transforma-se de uma região para outra, pela criatividade própria ou pela intuição. As danças e os ritmos são diferentes do original.

Os fatos folclóricos continuam sendo adaptados, recriados; a criatividade deslança, já que o povo inventa muito, cria tudo para suprir suas necessidades e resolver situações, e sempre com muita fé em Deus e em seus santos de devoção. A religião aqui implantada pelos jesuítas catequistas foi o elo de união entre os povoadores do Brasil e os indígenas, nos seus primórdios, e pelos escravos africanos mais tarde. Tudo isso contribuiu, enfim, para a formação do folclore brasileiro.

Folclorística

Folclorística é a ciência que estuda o folclore, que dá tratamento científico aos dados coletados (pesquisados). Uma das suas divisões, a folclorística urgente, cuida de fazer, sem demora, os levantamentos, as coletas e o arquivamento do material folclórico, que tende a desaparecer com o progresso gerador da tecnologia, a maior inimiga do folclore.

O estudo do folclore no Brasil foi, por bem dizer, oficializado em 1951, no I Congresso Brasileiro do Folclore, no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto, documentado pela Carta do Folclore Brasileiro, que criava a Comissão Nacional do Folclore. Foi reforçado em 1958, no dia 5 de fevereiro, pelo Decreto nº 43.178, que criou a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, hoje transformada no Instituto Nacional do Folclore.

Pioneiros

José de Alencar e Gonçalves Dias, dois grandes escritores brasileiros, foram os



primeiros a usar o folclore na literatura, assim como Alberto Nepomuceno e Alexandre Levy, na música. Os brasileiros Amadeu Amaral, João Ribeiro e Afrânio Peixoto foram os primeiros a reclamar, a dar sugestões e a insistir para serem criadas entidades e programas culturais para o início do estudo do folclore no Brasil. E a base de tudo seria, e foi, a busca, na alma do povo, de conhecimentos que tornaram e tornarão duradouras várias obras literárias.

O estudo do folclore nas escolas

O estudo do folclore deveria ser obrigatório nas escolas, pois estudá-lo é conhecer o próprio povo, com tudo o que lhe diz respeito. É o exemplo que vem do passado, transmitido por meio das gerações. É a soma dos usos e costumes, superstições e artes das várias regiões do país.

A lenda do boto que emprenha as moças inocentes é da bacia amazônica. As estórias de sereias são do litoral e assim por diante. Para conhecer tudo isso, precisa-se estudar. E o estudo do folclore deve começar na escola primária, para que as crianças comecem sua aprendizagem, baseadas no conhecimento da sua gente, sem sentir vergonha da mãe benzedeira, por exemplo.

A criança deve viver no mundo da fantasia, com as cantigas, os contos fantásticos e maravilhosos, os trabalhos manuais, pois assim ela cria, modifica e

pode ter sua base de vida menos áspera. Tudo isso irá amenizar o que ela terá de enfrentar quando adulta, porque a vida está ficando cada vez mais complicada.

Uma criança identificada com o folclore tornar-se-á o adulto que amará a Pátria e os seus semelhantes. Depois dos conhecimentos básicos do folclore, aprendidos na escola do 1º grau, o estudante terá competência e prazer para continuar o estudo do folclore nos cursos superiores.

O Dia do Folclore

O Dia do Folclore foi instituído em 17 de agosto de 1965 pelo então presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, pelo Decreto nº 56.747:

“Art. 1º - Será celebrado, anualmente, a 22 de agosto, em todo o território nacional, o Dia do Folclore.

Art. 2º - A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério de Educação e Cultura e a Comissão Nacional de Folclore Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e respectivas entidades estaduais deverão comemorar o Dia do Folclore e associarem-se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando ainda, nos estabelecimentos de curso primário, médio e superior, as celebrações que realcem a importância do Folclore na formação cultural do país”.

Além disso, em Goiás, o deputado Ursulino Tavares Leão instituiu, em 29 de outubro de 1968, por meio da Lei nº 7.152, o Mês do Folclore, a ser comemorado anualmente no estado com festejos populares, representações, aulas, palestras e cursos sobre temas folclóricos.

Essa lei teve grande repercussão nos meios culturais de Goiás e de São Paulo. Deputados de outros estados deveriam fazer o mesmo.

Bariani Ortencio é escritor. (Trecho retirado do livro *Cartilha do folclore brasileiro*, Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras em 1986.)